Hugo Noël Santander Ferreira nasceu em Bucaramanga, Colômbia, em 1968. Hinos a Jesus descreve a sua experiência mística por mandato de Jesus, que em 1º de junho de 2011 o ungiu como Profeta para julgar vivos e mortos. Rei dos Reis canta suas experiências de 2022, quando a Santíssima Trindade lhe revelou ser a reencarnação do apóstolo Pedro. Hugo é também diretor de cinco filmes de cinema e autor de mais de setenta livros de contos, romances, teatro e filosofia.

Entre montanhas, cidades e desertos da alma, uma voz atravessa a história e pronuncia o nome de Cristo.

Nestes cantos a Jesus aparecem a alegria das crianças, a mansidão das criaturas, a fidelidade dos santos e a esperança que floresce após o combate e a vitória de um profeta que celebra a onipotência de Deus em cada criatura. A palavra poética torna-se aqui oração e canto, lapidada em visões, memórias e encontros nos quais a presença divina ilumina a vida diária.

Cada página abre uma paisagem onde a terra e o céu se encontram: almas e homens, tentação e profecia, o sofrimento sereno de um ungido e a glória. Nesse horizonte aparece Cristo com o seu coração ardente, convocando todas as nações e todas as gerações a participar da verdade.

Hinos a Jesus celebram a beleza do mundo criado e o mistério do amor e da palavra que o sustentam, convidando o leitor a contemplar a história como uma peregrinação rumo à plenitude.

Hinos a Jesus

Hugo Noël Santander Ferreira

Hinos a Jesus

Hugo Noël Santander Ferreira

Hinos a Jesus

A Unção do Juiz dos Vivos e dos Mortos

Santaley Publishing – Edição digital e impressa
Edição original 2026
consultoriasstanley@gmail.com

© Hugo Noël Santander Ferreira, 2026

:oibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio ou forma,
autorização prévia e por escrito do editor, exceto breves citações em resenhas.

ISBN: 9798854689779
Projeto de capa e contracapa
© Leyla Tobías de Santander
Diagramação da edição digital e impressa:
Leyla Tobías de Santander
Fotografia: Hugo Noël Santander Ferreira
Impresso e produzido digitalmente na América

Primeira edição
Todos os direitos reservados

Índice

À Virgem Maria, Mãe de Deus 7
Prefácio 11
Canta Jesus, Deus, Filho do Homem 13
Por que me afastaste da tua vida? 17
Filósofos e poetas 21
Cada qual é um eixo vertical 23
A Espada da Verdade que sempre empunhou 26
Não seria melhor uma nova religião? 29
Esbofeteado que ofereceu a outra face 31
A Tua compaixão foi minha virtude 33
Temo perder-te sob a pressão de um mundo 35
Ao julgar os homens e o seu credo 38
Eu te unjo Meu Profeta 41
E a ele confiaste uma voz de fogo 43
“Sofro mais que tu”, respondeu-me 45
Deus Pai, Javé, Alá em todo o Teu esplendor 47
Mas as doenças virão 49
Em Israel já Te viram caminhar comigo 53
Provas do declínio dos terremotos 55
“És do metal de Abraão”, disse-me ela. 59
Maria, mãe dos que sofrem 61
Hino à Tua Vitória sobre o Mundo 73
Ao ler-Te, forjaste esta areia na verdade 76
Sou aquele a quem entregas o mundo 79

a nossa comunhão seja o seu ápice 82
aqueles que fazem de seu coração o teu 85
ı nossa comunhão, casa dos dois..... 88
se secaram conflagrações e lágrimas? 91
ɐm Imortal de Melquisedeque 93
anando a lógica mais célebre 99
alidade é apenas uma crosta 101
ʒorna do Senhor é a luz da verdade..... 103
ɐpsidra do Juízo Final é a Verdade 106
ɔrás aqueles que quiseram ferir-te 109
te do Sinédrio..... 112
Senhor que faz murchar as doenças 116
bém Deus *precisa* de mim 120
amor sem receber nada em troca 124
ɔapel de vítima da injustiça 128
ɛe deserto faço da Tua fé a minha biografia..... 132
iro ver que o mundo é apenas um brinquedo 135
ɹue caminhavas ao meu lado 139

À Virgem Maria, Mãe de Deus

A Ti, num mundo enfermo e cruel,
onde o engano espiritual se fez norma,
neste mundo moldado por vãos temores da morte,
encarnaste-Te para me reconduzir
ao meu Senhor amado,
Aquele que me concedeu a teopneustia,
o dom de escrever a voz de Deus.

Por Ti minha alma encontra inspiração divina,
e, pela Graça celestial, se eleva
minha voz, onde a sabedoria ressoa.
Por versos e pela metafísica,
a voz do Céu desce e se revela:
quando, ao escrever, me aproximo de Ti,
a Tua glória exalta minha pena.

O nada é real, e é um mar de luz.

—Robert Penn Warren

Prefácio

Em *Hinos a Jesus: A Unção do Juiz dos Vivos e dos Mortos*, Petrus Romanus — pseudônimo de Hugo Noël Santander Ferreira — oferece-nos um canto que ressoa com a voz do divino: "Canta, Jesus, Deus, Filho do Homem!". Por meio de versos ardentes e contemplativos, ungido como profeta pela Santíssima Trindade e por mandato de Jesus, o poeta nos conduz a um encontro com a eternidade. Esta obra, testamento místico e diálogo profético, entrelaça o humano e o divino numa comunhão intensa, onde o poeta fala em Deus e Deus fala no poeta, fundindo suas vozes no amor transformador da fé.

Enraizada na tradição da literatura mística — de Meister Eckhart a Teresa de Ávila e João da Cruz — a poesia de Ferreira atravessa as vaidades do mundo material — fama, dinheiro, poder — para nos elevar aos mistérios do sagrado. Seus versos devolvem o divino à experiência viva e convidam o leitor a passar da ferida cotidiana à plenitude do amor correspondido.

Jesus surge nestas páginas como presença atuante: juiz e salvador, justiça e misericórdia. Seu chamado é histórico: instaurar o Reino dos Céus na terra por meio da conversão interior e da fidelidade criadora ao Evangelho. A missão profética implica indicar, com amor, aquilo que se afasta da luz.

Entre os poemas destaca-se a meditação sobre um ponto de inflexão histórico: 11 de abril de 2012. A partir dessa data, as estatísticas globais registram uma diminuição drástica e sustentada nas mortes por terremotos. Os dados consolidados por instituições independentes — como o *U.S. Geological Survey* e as bases reunidas em *Our World in Data* — confirmam uma redução aproximada de 91% na média anual posterior, apesar de

tos isolados de grande impacto. O poema integra essa dade à sua visão teológica: *Deus não promete em vão*. E a história ece sinais que o coração atento sabe ler.

A obra é também uma crônica espiritual. Paris, Madras, mai, a "Cidade da Mãe de Deus", onde o apóstolo Tomé munhou sua fé, Bogotá e outros lugares tornam-se cenários ma experiência radical. Visões, provas, silêncios e revelações ressam a vida do autor, que se apresenta mais como umento de reconciliação do que como protagonista.

A Virgem Maria percorre o livro como um fio luminoso. dos que sofrem, intercessora e guia, acompanha o retorno a o e modela o coração do poeta. Sua presença não é mental: é princípio e caminho, consolo e força.

A universalidade é uma das marcas distintivas desta obra. ita em espanhol e cantada em múltiplos idiomas, a poesia de o Noël abraça o espiritual e o histórico, o metafísico e o reto. Nela, a fé dialoga com os acontecimentos do mundo, nétrica se torna testemunho.

Em uma época que reduz a existência ao acaso e ao cálculo, *s a Jesus* afirma a centralidade do amor, da responsabilidade al e da esperança ativa. Cada poema convoca o leitor a minar sua consciência e a redescobrir o sentido último da

Mais do que um livro, esta obra é uma proclamação: a idade irrompe na história, e o coração humano é chamado onhecê-la.

Leyla Tobías de Santander
Sincelejo, Colômbia

Canta Jesus, Deus, Filho do Homem

Canta Jesus, Deus, Filho do Homem,
canta em minha língua castelhana,
se outrora vasta em seu renome
hoje cemitério de porcelana quebrada.

Ali jaz Calderón, O grande teatro do mundo,
onde mendigo e rei lamentam seu papel,
seu Príncipe constante que preferiu morrer
a dar razão ao tirano sinistro.

Ali Tirso de Molina e seu Comendador,
homem probo cuja alma foi desafiada
por Dom Juan, modelo de patifes,
que invocam as almas que os destroem.

O peregrino em sua pátria, de Lope de Vega,
hóspede do mundo por breve jornada,
que recebe a morte com alegria
para voltar a Deus, sua verdadeira morada.

Ali Teresa conversa com Cristo
como eu o faço nestes versos;
certeza que ainda crepita na Índia:
sábio é quem constantemente busca a Deus.

Ali São João da Cruz desposa Cristo
para ensinar-nos que o amor
é comunhão de intenções sinceras.
Ali Quevedo, Frei Luís e Maria de Ágreda.

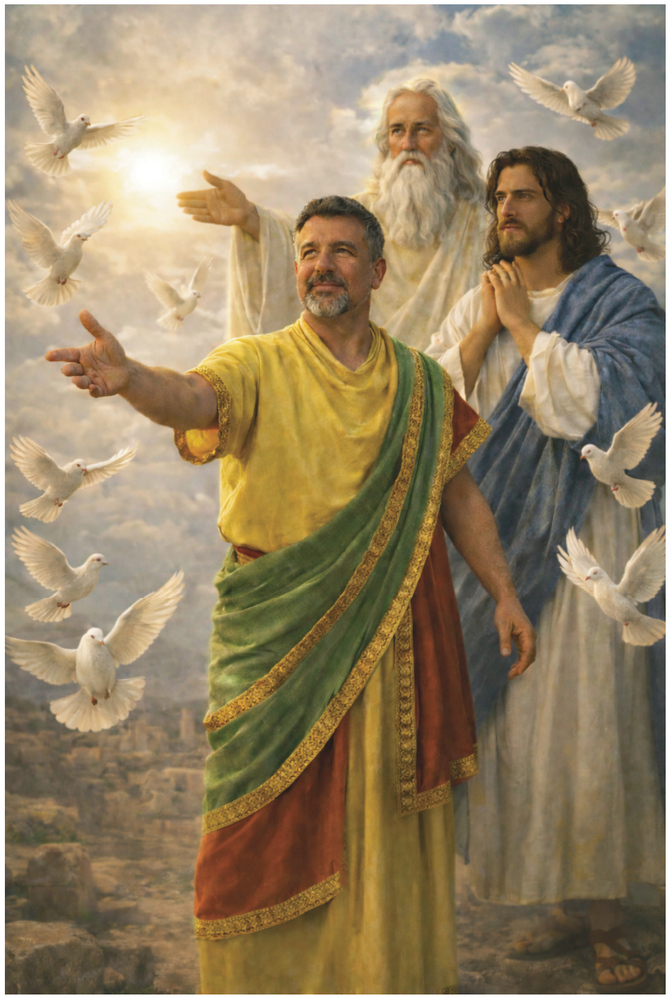
De Tua palavra eu escolhia
a voz de Salomão, e no deserto
da ciência e da filosofia
retomava Teu exemplo com alento.

Sonhava com templos e vielas
e partimos por portos e cidades,
filho de uma professora de escola
que ensina aos poetas do mundo.

E escolhi de Ti o que poucos ainda criam:
Tua ressurreição, Tua onipresença,
Teu domínio sobre o céu e o inferno,
Teu retorno no fim do orbe.

E se outrora caí em torrentes velozes
quando, duvidando, Te neguei três vezes,
hoje caminhamos sobre lava
para julgar aqueles que Te condenaram.

Hoje Te louva como outrora
aquele que fizeste Teu profeta
nos jardins áridos do engano,
no tronco sem alma da minha Era.



Por que me afastaste da tua vida?

Em dois mil e dez viajei para a França;
o visto exigido pela Índia
para ensinar cinema me era negado:
preconceitos dilatavam minha partida.

O que era trâmite de três dias
prolongou-se por meses de agonia;
burocratas frustravam o contrato,
vendi meu apartamento para sobreviver.

Desesperado, orei à Virgem
do templo da Medalha Milagrosa;
a Madras me enviaste no meu aniversário,
em dois mil e dez, na idade do Pai.

Pois na alma se desdobram três idades sagradas:
o fogo do Pai, a luz redentora do Filho,
o sopro do Espírito que envia a Palavra às nações
e me chama aos campos esquecidos do Éden.

Abril marcou o fim das aulas,
e numa torre fui isolado por docentes
que entre si diziam: "Ele é americano,
desesperar-se-á e partirá."

Mas era Deus quem me chamava!
Sentia um crescente desdém do mundo
e um chamado urgente a escrever minha vida,

a narrar como em cada país Deus me protegia.

Certa noite, do quarto contíguo,
ouvi que me chamavas, como a Samuel.
Três vezes não vi senão o vazio,
até encontrar Tua imagem abandonada.

"Por que Me afastas da tua vida?"
Percebi que, pela primeira vez,
vivia sem uma cruz
ou imagem de Jesus Cristo em meu quarto.

O ícone do Teu Sagrado Coração
brilhou com um resplendor desconhecido,
e reparei em Teus cabelos louros,
Teus olhos azuis, Tua pele de nácar.

Teu Coração sangrante fulgurou, e respondi:
"Mas não foste na Galileia como ali retratado."
Docemente me advertiste: "Não Me julgues
pelo Meu rosto; julga-Me pelo Meu coração."

"Compadece-te de teus irmãos", acrescentaste,
"já não sabem governar, extraviam-se."
Arrependido, aos Teus pés solucei:
como pude julgar pelas aparências?

Filósofos e poetas

As perguntas transcendentes dizem-se insondáveis,
sem demonstração nem resposta para a lógica infra-humana;
com Kant a metafísica parece desabar,
ou, como a perseguida Hécuba, é escrava dos tiranos.

E certa noite solitária de uma sexta laboriosa,
o Espírito Santo abriu meu vedado terceiro olho,
e num só lampejo alcancei os arcanos
segredos do universo e seus batimentos esotéricos.

Uma dor infinita expandiu-se em meu peito,
e logo sarou numa alegria sublime:
—É o pulso da vida — proclamaram os deuses,
revelando sua essência que no próprio Deus reside.

Substância universal, sem forma nem gênero;
no Alcorão Pai, Cristo e Virgem Maria,
tríade que Alá ultrapassa, Deus único e eterno;
que para o cristão é a Santíssima Trindade:

Pai, Filho e Espírito, mistério consubstancial,
Deus masculino encarnado em seu Filho Jesus Cristo.
No dia seguinte, enquanto escrevia em silêncio
sobre perseguições remotas dos quirguizes,

outra presença etérea senti junto à minha escrivaninha:
homens que em silêncio celebravam meus versos.
Eram Sócrates e Dante, seguidos de Platão,
Aristóteles e Sylvia Plath, Shakespeare, Beckett e Shaw;

centenas de almas em graça me abraçaram então,
vozes que desde menino dialogavam comigo.
Filósofos e poetas que em eterna vigília
revivo em meu teatrexto "O Simpósio de Arcádia".

Ninguém explicou jamais o motivo do júbilo;
mas soube que, como eles, alcançara o cume:
o saber divino que Jung prescrevera como acessível,
aquele ao qual só as nobres almas acedem.

Cada qual é um eixo vertical

Cada qual é um eixo vertical,
cada qual uma ilha ao lado;
e Tu, via inesgotável, maternal,
que concedes tudo o que é desejado.

Felicidade roubada do Éden,
da brincadeira com o menino que ria,
que caiu certa tarde numa estação;
em Porto de branco o vestias.

És um entardecer sublime, de nuvens
acesas em aras de cristal,
sobre Greenwich, porto dourado,
nosso lar após zarpar de Portugal.

Às margens do Douro confiaste-me a cidade;
um fado distante no meu documentário,
Ilhas de Porto, voz dos desamparados,
universo contido num abraço inesperado.

Foste Tu quem, na aula de alemão,
me inspirou a dizer: "Ich bin aus der Welt";
quando perguntaram de onde eu era,
era a Guerra Fria e afirmei pertencer ao mundo inteiro.

Minha Lehrerin sorriu, desconcertada;
meus colegas celebraram meu panteísmo,
amados que a eternidade reencontrará:
corria mil novecentos e oitenta e seis.

Ser que escolheu ser todos os seres
para encarnar sua própria criação,
mesmo naqueles que esquecem
que dissolver o ego é reencontrar Deus.

Amor: quem a Ti se entrega
encontra oração viva, defesa contra o perverso.
Compaixão que corrige a dúvida,
como a do mar da Galileia e sua tormenta.

A Espada da Verdade que sempre empunhou

Era profeta, e desde a montanha
que seu povo ao longe distinguia,
os louvava ou repreendia sem joio
com versos que secretamente ressentiam.

"Combate pela verdade, estuda
e age sem abandonar a justiça;
para quem te ama ou para quem te odeia,
não deixes de denunciar a injustiça".

"Assim o mundo será teu, como hoje é Meu."
Incrédulos o acusaram de pecados
por aceitar aqueles que o aceitavam
numa era de hipocrisia e desprezo.

Doía-lhes vê-lo partir para novos continentes,
cair e empreender novas empresas.
"Vocês podem reinventar o mundo",
dizia, forjando sonhos que eles destruíam.

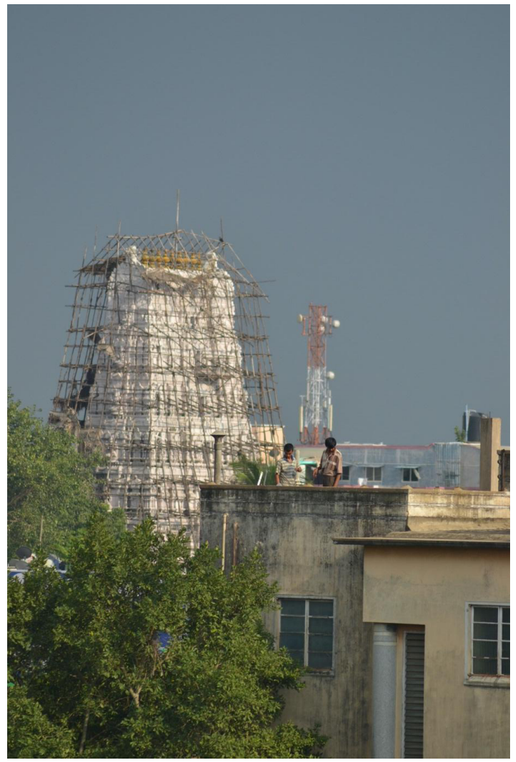
Por fim o prenderam e o lançaram num poço
para feri-lo com pedras do caminho;
ofensa que suscitará tremores
quando Deus o trouxer aos Seus domínios.

Ao vê-lo vivo, reagruparam-se
e o denunciaram diante dos romanos,
que ordenaram que morresse num "acidente":
"Não permitiremos novo Calvário".

Não viam — enquanto os anjos do Senhor
reescreviam o acaso para guardá-lo —
como poderosos, incitados por mentiras,
urdíam "acidentes" dos quais escapava?

Incapazes de reconhecer a graça de Deus,
caricaturaram-no como vilão da moda;
como a Cristo com o demônio em Israel,
presumindo que as trevas vencem a luz.

Três anos depois, em terras contidas,
céu e terra lhe entregaram seus selos:
a Espada da Verdade que sempre empunhou,
pois desde a infância o Espírito Santo nele habitava.



Não seria melhor uma nova religião?

Noutra noite uma voz portentosa
disse-me que eu curaria enfermos
e que as multidões me adorariam.
"Por que amas tanto Jesus?", perguntou.

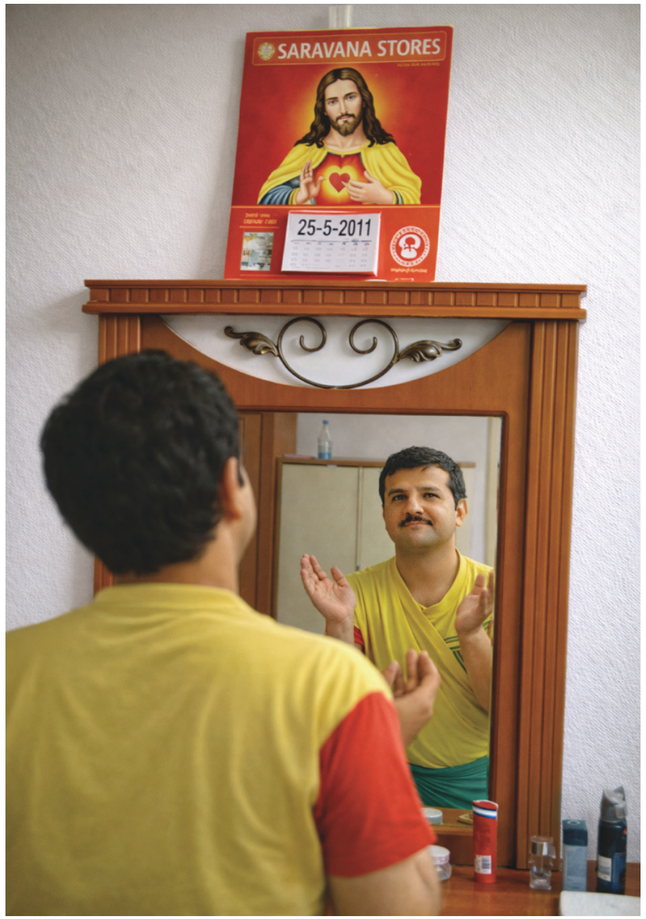
"Não seria melhor uma nova religião?
As igrejas estão vazias, tu viste.
Em Paris, onde te repreenderam
por venerares a igreja de Montmartre.

Não foste apenas apreciar a arquitetura,
mas rezar a Maria e aos santos.
Um guarda te humilhou por uma foto?
Por não teres lido um pequeno aviso?

A ciência dá fim às religiões.
Não vês pastores donos de jatos privados?
Não vês o luxo do Papa em seus palácios?
Por que ser pobre se já és Rei?"

Por um instante considerei a oferta,
e minha alma se rasgou, gelada,
como a dor da Virgem Maria ao ver
José ao crer que ela o enganava.

"Jamais!", gritei compungido.
"Nunca abandonarei Jesus, meu Senhor",
acrescentei recitando o doce Bach,
ainda que todos firam meu coração.



Esbofeteado que ofereceu a outra face

Sou o construtor, molde de argila,
fazedor de altares e aríetes,
esbofeteado que ofereceu a outra face
setenta vezes sete.

Esperavam outro Papa sorridente,
outra santa reclusa até à morte,
outro jesuíta abatido por desmascará-los,
e jamais aquele que os dobrasse com a sua fé.

Quem cantou seus amores e paixões
diante de cientistas e monges incrédulos.
Quem alcançou seu Ser transcendental
por ser discípulo da Sua divindade.

Pó que escolheu viver sem temores
com os pensamentos que Deus lhe concedeu.
Quem foi salvo pelos santos,
pelo amor ao qual recorreu.

Aquele que recebeu todas as ofensas,
que hoje age com temperança
contra injustos e bestas travessas,
que ora por eles na sua desesperança.

Meu coração é um altar aberto.
Sou quem perdoou aos seus irmãos
quando me ofereceram veneno,

testemunha e espectador das estrelas.

Anjo do Canadá e da América,
Czar de Portugal, Turquia e Rússia,
voz da Inglaterra, cidadão da França.
Crucificado, morto e ressuscitado na Colômbia.

A Tua compaixão foi minha virtude

A Tua compaixão foi minha virtude,
intenção que Kant chamou frívola
e à qual recorreu na velhice.
Nenhuma de Tuas orações será vã.

E falei sem vaidade ou reservas
a conspiradores encobertos;
sozinho contra os astutos poderosos,
sal numa terra de aduladores.

Meu destino era, disse-me um político,
o do poeta que naufragaria em alto-mar,
o de presa que bestas dominariam;
mas já sabia que a selva e o mar eram Teus.

Simplesmente cri nos Evangelhos,
e quando fui convidado a conspirar
protestei indignado, incapaz de evitar
que se condenassem e que sua vítima caísse.

Assim fui desterrado de cidade em cidade,
para que Tu me entregasses novas terras.
Houve tentações, mas o acaso — Tua égide —
afastou-me delas, alterando minhas palavras.

Também me corrigiste até me ungires profeta,
e como Tu curei enfermos e acalmei tormentas:
intercedi por Fukushima e Tu escutaste;
aos que amei concedeste longa vida.

Se sofres uma injustiça, escrevia nas bilheteiras,
apoia teu peito em Jesus, qualquer que seja tua nação;
deixa que tuas lágrimas se misturem às Dele.
Anunciavam outro suicídio no metrô de Paris.

Temo perder-te sob a pressão de um mundo

Os dias de solidão em Deus passavam,
e o meu ser ouvia um canto vez após vez,
apegado a metáforas cujo sentido
veria depois da minha epifania sublime.

Guardas de mim a imagem do meu coração ferido,
a que agora repousa sobre o teu armário;
as refeições com que abençoo cada dia a tua mesa,
e as minhas primeiras chamadas de abril.

Não te admiras de que te chamei três vezes?
A minha voz dilui-se no teu ceticismo;
nem esperas que manifeste diante de ti
o amor que, do silêncio, te professo.

Se te falasse com voz articulada,
romperia os dogmas que pregam de mim;
mas só para te dar a alegria de me ouvir
abraçaria demônios domados diante de ti.

Temo perder-te sob a pressão de um mundo
que me presume morto, embora eu governe
o curso dos seus dias; o meu coração sangra
porque já não creem na sua eternidade.

Por que insistem em ver-me crucificado
e não também ressuscitado? Sofro
por aqueles que creem em mim e por mim sofrem,
como tu, desterrado de tantas nações.

Muitos perdem a fé no meu agir velado,
e tu a preservaste por decênios;
falarei contigo sem mais demora.
Que o mundo saiba que te escolhi.

Muitos oram a mim apenas em tempos de dor;
se não te falar, filosofias mundanas te afastarão
nos prazeres que os teus versos te proporcionarão;
descerei em glória, e toda a Índia o saberá.

No Livro de Jó já adverti que não requeiro explicações:
venci a morte e sou imune ao fogo;
a tua alma brilha entre as trevas da tua era,
já não sofrerás pela minha aparente ausência.

O meu Sagrado Coração morre no papel
ou na madeira por tédio e medo;
sem a fé daqueles que me preferem ao Maya,
assim me julgam distante quando os chamo três vezes.

Ao julgar os homens e o seu credo

E era um único Ser que vinha,
movido por um sentimento pelos seus adversários.
Descida e ascensão que reuniam
comédias, amores e fracassos.

Ser que escolheu abandonar toda a memória,
protagonista do possível, destronado,
satisfeito na sua queda ou na sua glória,
Satã redimido e Deus condenado.

Multifacetado em tudo e em mim,
criança que começou o seu jogo.
O jugo a que renunciei por ti,
alfa de luz, ómega de medo.

Sabe! Satã é ignorância plena,
queda eterna pela contração do ego;
e Deus, sabedoria absoluta, o Todo,
no qual se funde quem despreza o ego.

Não O vi, não O ouvi, senti-O:
a dor mais angustiante e solitária
e o êxtase mais sublime e amoroso.
Assim soube que sofrer é o caminho para o Éden.

Ao cabo de alguns dias,
perguntei-me sobre o sentido dos meus livros,
narrativas das minhas humilhações e triunfos.
E a voz de Deus ressoou na minha mente:

"Ao julgar os homens e o seu credo,
toma as carcaças do que viveste
e funde-as nas forjas de Toledo
para que saibam que existimos".

Ali os arianos negavam a Trindade
até que o rei visigodo Recaredo
foi comovido pelo Verbo e em Jesus viu o Pai,
como tu O verás imerso nestas brasas.

Deixei o tâmil e recobrei a minha língua,
por místicos na sua capital milenar forjada
em sentenças que escrevo desde então,
acervo do céu que das minhas forjas desembainho.

Eu te unjo Meu Profeta

Escuto o Réquiem de Tomás Luis de Victoria
por um chamado no íntimo da minha alma,
enquanto escrevo um capítulo
de Uma Primavera Quirguiz.

Naquele meio-dia sem nuvens
era o primeiro de junho de 2011.
Um bater de asas ressoou na janela;
levantei-me e vi pombas brancas.

Atrás delas, uma escada de nuvens
descia do zênite até minha janela.
Perdia-se no infinito.
Notei que as aves fitavam fixamente
algo ou alguém atrás de mim.

Voltei ao quarto e não vi nada.
De repente, ouvi uma Voz doce e amorosa:
"Pelo teu amor aos Meus mandamentos,
ao longo de quarenta anos — disse Ele —,
dou-te todas as Minhas bênçãos
e te unjo Meu Profeta
para julgar vivos e mortos".

Minha alma — não eu — reconheceu de imediato o meu
Senhor,
e, caindo de joelhos, clamei:
"Por que eu, se sou pecador?"
Recordando tantos santos venerados.

E Sua resposta foi simples e persuasiva,
como aquela que eu já ouvira dias antes:
"Não te julgo por tuas obras — consolou-me Ele —,
mas pelas intenções do teu coração".

E a ele confiaste uma voz de fogo

Como a Enoque, tu o levaste dos Andes
aos lagos da Europa, Ásia e América,
sobre a Via Láctea, Frankfurt e os Alpes,
de Pondicherry até os caminhos de Homero.

E a ele confiaste uma voz de fogo
àquele que perguntava se o pecado
não era o seu desinteresse pela mentira,
o anseio por um fim apressado.

Já na mesquita de Córdoba
consolidavas uma a uma as suas antíteses,
êxtase que a criação engloba,
matriz das religiões e sua nêmesis.

Desde criança proclamava a verdade a cada um,
mesmo contra sua vontade; nem o chicote,
nem o desemprego, nem a faca
calaram uma voz que era a Tua.

Um a um os pecados o assediaram
e em cada lugar ensinou sua ternura.
A ninguém feriu e amou até morrer,
até mesmo aqueles que o feriam.

Minha alma soube que o meu Senhor Jesus Cristo
falaria comigo por meia hora,
e Sua presença irrigou minhas orações:
as de Fátima, Lourdes e Guadalupe.

“Sofro mais que tu”, respondeu-me

O Rei dos reis conversou comigo.
Eu, pó presunçoso, em meu aposento,
por trinta minutos ouvi meu Mestre,
de quem aprendi que a justiça triunfa.

“Leva-me contigo”, roguei humilde,
“vivo oprimido por tanto engano”.
“Sofro mais do que tu”, respondeu-me,
“por não te ter ao Meu lado”.

“Muitas provas suportarás por anos,
mas estarei sempre contigo”.
Acariciando a minha alma atribulada,
tomou minha mão e sentou-me ao Seu lado.

Como santa Teresa, senti a paz,
a ventura infinita de alcançar Deus.
“Não sofras mais, privando-te de viver”,
e abraçou-me como ao Seu apóstolo mais amado.

Não o via, mas Ele estava em mim.
Não o ouvia, mas pensávamos em uníssono.
Por que o ignorei por tanto tempo?
“Anuncia que converso com cada alma”.

Disse-me que amar não é ofensa
quando ocorre em entrega e mútuo consentimento;
que não se deve ansiar, pois tudo chega a seu tempo —
e tornei-me um com o Messias, um em Deus.

Deus Pai, Javé, Alá em todo o Teu esplendor

Debrucei-me à janela, e o vento acariciou-me,
tal como acariciava as copas que cantavam nos ramos;
pela primeira vez senti-lhe a voz, a sua alegria
por ter contemplado Cristo descer.

Jesus partira, mas em mim permaneciam não só a sua alegria,
mas também a sua palavra;
começou então uma aprendizagem de quinze anos,
ao fim da qual a minha vontade seria a sua.

E no ar pulsou a suprema onipresença:
— Que desejas? — Javé falou-me do seio das nuvens.
Compreendi que gurus me haviam isolado naquela torre
para que eu enfrentasse, sozinho, aquela força inefável.

— Quero ver — disse a minha alma; e eu, ingénuo, pensei nos meus olhos de carne.
— Assim seja —; e soube que seriam as suas almas:
nenhum homem jamais me ocultaria os seus pensamentos;
assim percebo, em cada um, o que há de mais íntimo.

Foi assim que, no ano de dois mil e dezoito, escapei da armadilha
que jornalistas céticos me haviam armado,
taxando a minha fé de servidão hereditária;
mas a fé e a eternidade das minhas palavras os cegaram.

O Pai, o Filho e o Espírito Santo me investiram do dom
supremo
de julgar os vivos e os mortos;
e assim confundi os arianos que contestavam
que eu lhe pedisse a mão mal a conhecesse.

Pois em todas as minhas viagens sob a abóbada do céu
nunca vi alma de mulher tão pura:
minha esposa Leyla, minha confidente, que partilha
alma de Maria, como eu partilho da de Jesus Ressuscitado.

Mas as doenças virão

Vos dispersistis gregem meum et eiecistis eos, et non visitastis eos; ecce ego visitabo super vos malitiam studiorum vestrorum, ait Dominus.

— Ieremias 23,2

"Abandonarei os falsos pastores", disse-me,
"aqueles que tentaram desviar-te da Verdade".
E vi os homens e as mulheres desta terra
com quem havia partilhado tantos dias.

Li então a Bíblia e senti um déjà vu:
no onze de setembro do ano dois mil e um
também ouvi a ira do Criador
contra o governo que bombardeou o Iraque.

Em maio, em Chicago, uma universidade
contratou-me por um roteiro que celebraram
e que, por intrigas de dois docentes, cancelaram.
Em Manchester disse: "Seja feita a tua vontade".

Escrevia meu tratado de Metafísica Global,
"Sendo Deus", quando o telefone tocou:
"Há bombas em Nova York", disse minha companheira.
Imaginei um ataque, mas não mortal.

Escrevia que vivemos infinitos simultâneos
quando novamente me pediu que olhasse
o que acontecia ao vivo na televisão.
Despedi-a e continuei raciocinando com Zenão.

Sua terceira chamada obrigou-me a atender:
“Judy pede que a informes”, disse angustiada,
“bombardearam o Pentágono”.
Liguei as notícias: vi as torres cair.

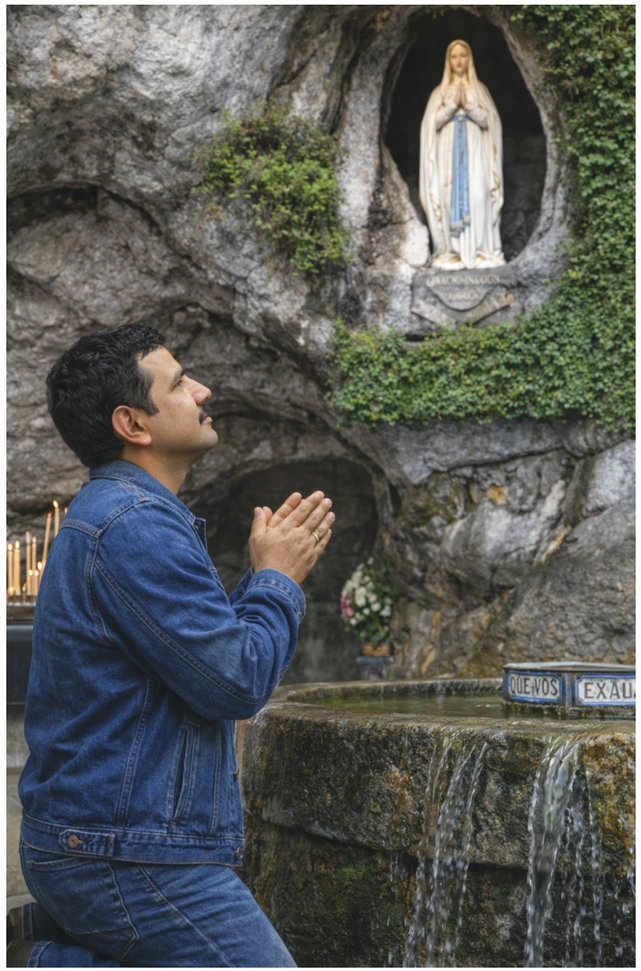
Recordei minha introspecção daquela manhã
e, reconhecendo minha dureza anterior
para com aqueles que truncaram minha carreira,
orei por eles, como então orava pela Índia.

Sustentei que não careciam de nobreza.
Em minha árdua defesa caí em sono profundo.
Ao despertar, os edifícios tremiam:
era a ira de Shiva quando o Senhor se afasta.

Mas os gritos das mulheres comoveram-me.
“Por Tuas bênçãos, Senhor, volta”, supliquei.
E os blocos de concreto se aquietaram,
como as ondas de Cafarnaum após a tempestade.

“Agora me afasto daqueles que me desprezam”.
“Mas são a minha geração, Senhor”, implorei.
“Os terremotos diminuirão”, consolou-me,
“mas as doenças virão”.

Publiquei-o em minhas redes sociais,
onde foi objeto de escárnio entre núncios e prelados,
e de meios de comunicação que preferiram exaltar videntes
que disseram tê-lo vaticinado primeiro.



Em Israel já Te viram caminhar comigo

Em Israel já Te viram caminhar comigo;
sobre Teu peito sentias saudade de mim.
Neste século, Tu, o mais sábio e prudente,
com quem desde menino eu conversava no meu quarto.

Sei que em Teu amor proteges os que Te amam
tanto quanto os que nos desprezam.
Hoje minha voz já não Te oculta: clama,
e testemunhas e conspiradores o atestam.

Desde quando briguei sob as bétulas
contra um rival que venci,
e por Teu preceito decidi não castigá-lo
—ainda que me golpeassem, jamais me vingaria—

até minha espera nos campos Elísios,
quando socorri minha mais acérrima inimiga
apenas para suportar sua astuta represália:
em tais provas preparavas minha consagração.

"Entregar como o mundo não entregaria",
diziam-nos as nuvens rápidas de Manchester
depois que no Porto nos lançaram ao mar
de nossa caravela portuguesa, a Teus pés.

E assim a mesma trama por cinquenta anos:
guardar Teus preceitos e ser presa de intrigas,
sofrer perseguições, atentados e desterro,
para ser favorecido, ao cabo, com um maior destino.

Provas do declínio dos terremotos

Se duvidas, irmão, do meu testemunho,
e a ciência te afasta da verdade,
abrange com o olhar meus domínios pelos números:
citarei os mortos que a terra deixa.

Antes de dois mil e treze vivemos a insônia
de um planeta descontrolado pelos abalos:
setecentos e sessenta e sete mil caíram
desde dois mil e dois — legado funesto.

Até que Deus me concedeu perdão,
na angústia ante um fim impiedoso,
setenta e sete mil por ano naufragavam,
média coletiva infortunada.

E após o onze de abril de dois mil e doze,
Deus teve piedade, o luto abrandou:
Lede! Quase noventa e sete mil morreram
em catorze anos, vítimas dos tremores.

Sessenta e oito por cento menos
se fizeres a média desde mil novecentos;
de vinte e um mil a sete mil por ano,
misericórdia após a ira do Criador.[1]

Noventa e um por cento menos;
a terra repousa atenta a estas palavras.
Anunciai-as! — clama, chorando às espécies
que esta geração lança à extinção.

E a pandemia chegou, como anunciado,
castigo pelo qual agradecemos ao Criador:
os males naturais não são desgraça;
morrer não é mal para os imortais.

---

1 s baseados em bases científicas consolidadas (USGS; NGDC/WDS; Our World in Data, do a 2025). Média histórica mundial (1900–2013): ~21.200 mortes/ano. Média recente (abril 025): ~6.870/ano (~87.000 em doze anos e meio; ~97.000 em catorze anos completos). o face à média histórica: ≈67,6% (“cerca de setenta por cento”). O período 2002–2011 foi onalmente letal (~77.000/ano, incluindo Índico 2004 e Haiti 2010); comparado com essa a redução atinge ≈91%. Incluem-se mortes diretas e secundárias

Deus corrige com a morte a injustiça,
destrói falácias e males fatais,
impõe-se a pobres e poderosos,
despreza a fama, o dinheiro e o poder.

Os maias o anunciaram num calendário,
seus astrônomos gravaram o fim;
prevendo o jugo dos conquistadores,
preferiram uma eternidade coletiva.

Jamais conheceram a luz do Mestre,
Cristo, que, ressuscitado, nos redime,
nem a Santíssima Trindade, que se revela nos nobres:
em José, Moisés, Noé — no meu existir.

Em História Decifrada o escrevi:
Tanto a ciência enfraqueceu tua fé?
Abandonarás tantos proscritos
que deixaram de crer ao crescer?

“És do metal de Abraão”, disse-me ela.

As sedas e as joias do Indostão,
a lealdade dos seus guerreiros,
sem celebrações, no fio de uma lâmina,
como os Upanishads nos prescreveram.

E Jó, e os santos e os poetas se alegraram por mim,
errante num mundo em destruição,
confiante em encontrar o paraíso,
mas jamais neste, embora também seja o Seu reino.

“És do metal de Abraão”, disse-me ela,
aquele que, entre ruínas espirituais, ousou crer,
confiar na Minha onipresença e na Minha sabedoria
numa era de mármore frio e de calúnia.

As minhas palavras doravante serão fogo
para as gerações que hoje vislumbro:
menos temerosas do que a minha,
ressurgirão iluminadas.

Com aqueles com quem cresci, apenas quis amar,
mas culparam-me pela minha transparência.
Por que insistem em simular virtudes
que Wilde e Nietzsche já desmascararam?

Nossa é a árvore do Éden,
restaurada para as almas quebradas.
Julgar-vos-emos — crianças a presidir —
os vivos e os mortos, no Teu reino restaurado.

Maria, mãe dos que sofrem

Maria, mãe dos que sofrem,
foste tu quem me guiou para o teu Filho
quando teólogos da libertação
me doutrinaram no arianismo.

Aos dezasseis quis ser jesuíta,
e objetaram que eu não conhecia a vida;
a ti me confiei, e concedeste-me
o amor pelos livros, meus mestres.

Foste tu quem me levou ao Nevada
quando no Delaware não encontrei trabalho;
ali abriste o meu cinetext na passagem
em que Filipe é Rei da Lusitânia.

E Portugal abriu-me os seus verdes prados;
superando barreiras burocráticas,
facilitaste o meu visto de trabalho
em Nova Iorque, agosto de noventa e oito.

Saí da Filadélfia às sete
e cheguei a Newark às nove da manhã.
Uma vintena de requerentes fazia fila;
na minha urgência não esperei a minha vez.

Um africano repreendeu-me com razão,
mas ao ver-me não descobriu malícia,
senão a tua presença amorosa.
"Não há problema", disse, comovido.

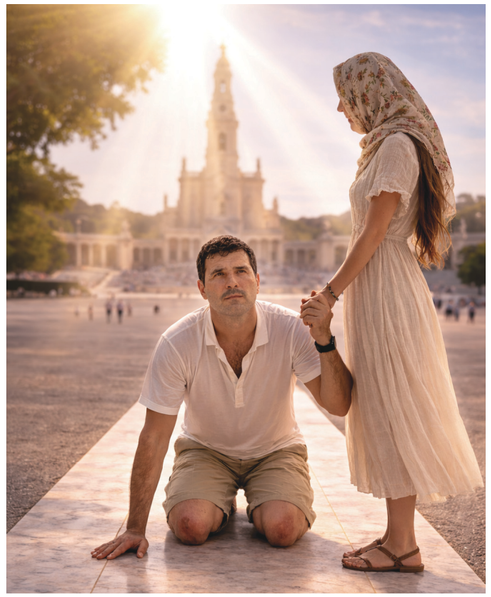
ıça-o carimbar na Embaixada de Portugal em Manhattan",
indicou-me o cônsul; o meu avião partia às quatro.
Saí apressado às onze para o meu carro,
que um rival secreto tinha danificado.

E rezei-te para não perder a minha viagem.
Abriste as autoestradas diante de mim
e, sem conhecer Nova Iorque, conduziste-me
à embaixada no coração da sua ilha.

Então rezava-te todos os dias;
encontrei estacionamento numa rua
onde ninguém mais o encontra assim
e vi aproximar-se uma senhora.

Temia, como tantas vezes, uma recusa,
mas essa senhora sorriu-me e escutou-me.
"Onde fica a Embaixada de Portugal?"
"Mesmo a meio desse quarteirão", respondeu.

Entrei; era meio-dia e fui imediatamente atendido.
"Que estranho que hoje não haja ninguém",
pensou o funcionário ao carimbar o meu visto.
Saí apressado em direção ao túnel Lincoln.



Temia congestionamento,
mas as ruas tornaram-se, naquela quinta-feira,
milagrosamente vazias em Nova Iorque.
Entrei no túnel sem um único carro ao meu lado.

Tomei autoestradas desimpedidas;
acelerei e nenhum agente me deteve.
Na Filadélfia eram duas e meia
quando entreguei o meu carro aos credores,
rejeitando tentações desonestas.

"Perdeste o voo", diziam amigas,
mas no meu peito insuflavas esperança.
Fiz o registo às três e vinte.
"Tem sorte por haver atraso."

Subi ao avião e permaneci na primeira fila.
A aurora de Paris resplandecia,
e dez dias depois tomava um comboio para Portugal;
ali estudei a tua aparição em Fátima.

"O sol rodopiou diante de oitenta mil pessoas",
confirmou-me um idoso ateu,
"mas não foi por Deus, mas por OVNIs."
Fui a Fátima e, ajoelhado, fiz penitência.

Sem me aperceber, os meus joelhos sangraram
pela Colômbia, pelo mundo, pelo homem.
Escrevo-o porque hoje uma penitência
já não suscita presunção, mas superstição.

E certa noite vi-te inconsolável,
com sulcos marcados no teu rosto
de tantas lágrimas, de tanto choro.
"Porque estás triste?", perguntei.

"Porque já ninguém acredita", soluçaste.
"Que posso fazer?", perguntei angustiado.
"Lê o capítulo quinze dos Atos."
Despertei com a mente iluminada.

"Para ser cristão basta — concluem
nos Atos dos Apóstolos, quinze,
Paulo e Pedro — não fazer o mal ao outro
e deixar de frequentar bordéis."

As minhas crenças feridas regressaram:
o jardim que tanto amei e julgava perdido,
o oásis que me protegeu das flagelações
que durante dez anos sofri na minha infância.

"Novas tardes em Manhattan" foi escrito
por um teólogo que procurava definir Deus.
E à terra de Shakespeare me conduziste
para que caminhasse pelo verde do grande Bardo.

Ali conversei com os seus filósofos
e expliquei que também o ateísmo é cristão
se se age sem intriga e sem crueldade.
Por fim pediram-me que definisse Deus.

Publicaram os meus comentários filosóficos,
forjados em vários anos de estudo:
"A crise do ateísmo" e, para a enciclopédia
publicada em Oxford, a minha "Definição de Deus".

Por ti fui honesto e sincero;
por ti sofri perseguição e escárnio,
desprezo, humilhações familiares,
um divórcio provocado por burgueses.

E quando o cansaço do mundo me invadiu,
ensinando-me os prazeres mundanos,
implorei-te que me tirasses
daqueles desfiladeiros circulares.

E salvaste-me; vi-o em sonhos,
protegendo-me em todos os meus passos.
Enquanto te escrevo, outro sicário escreve:
"Destruir-te-emos", e temo por eles.

Quem sob o teu véu teme ameaças?
Pois François Villon já o cantou:
"És a imperatriz dos céus magníficos
e destas nossas planícies infernais."

Teu é o destino de cada ser humano,
tua é a proteção deste mundo,
tuas as aves e as feras, teus os filhos,
teu o fim do sofrimento e da pandemia.

Pois no teu regaço Deus encontra consolo,
e é por ti que Jesus e eu já somos um.
No meu quadragésimo terceiro aniversário,
Issac e Vikram levaram-me a uma árvore sagrada.

"Aqui sabemos que as árvores são moradas
habitadas por deusas", explicaram-me,
mostrando-me um nobre banyan.
Pedi-lhes que me fotografassem.

No meu peito ardia a certeza da tua presença.
De repente o rosto de Vikram manifestou medo
diante de um globo de luz fotografado atrás de mim,
desenhando a silhueta de uma donzela.

"Não temas", disse ao vê-lo, "é nossa Mãe,
que restaurou a minha fé no abraço de Jesus,
a Santíssima Virgem Maria, em amor infinito,
com o Menino Jesus recolhido nos seus braços."

Pela tua graça o céu abriu novos caminhos,
guiando-me ao núcleo da minha jornada espiritual;
e quando caí conduziste-me a lugares santos
onde senti cada vez mais o teu amor.

Na minha alma a tua luz brilhou
e dissipou as trevas do desespero:
amor encarnado, fonte de cada estrela,
Mãe amorosa que aplaca a ira do Céu.

A ti dedico estes versos pelo meu Senhor,
homenagem daquele que foi sempre teu,
protetora dos que sofrem injustiças,
Maria, Mãe, doce nossa intercessora.

Hino à Tua Vitória sobre o Mundo

Foram tantas as ofensas:
adolescente representava vagabundos,
relutante em destruir Tuas harpas
entre aduladores que diziam ser profetas.

E jamais cedi a confabulações;
ancestrais e poetas me animavam
no poder imenso daqueles que Te imitam,
esperança dos maltratados.

E em meu périplo tudo o que obtive perdi;
minha terra ainda guarda vestígios
de intrincados ardis fracassados,
conjurações que hoje são pó seco.

De Ti aprendi que o desapego de Buda
é o caminho mais venturoso da vida;
sem bens nem poder ninguém Te adula,
sem fama ninguém usa máscaras Contigo.

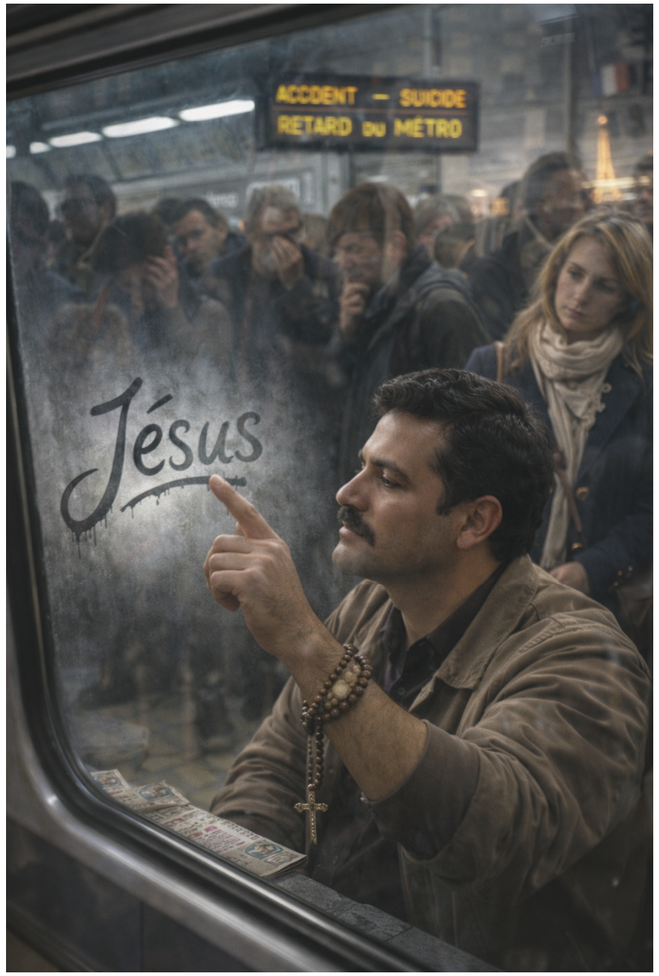
Um exílio é, por Ti, portal para novos portos,
novos âmbitos, novas aventuras
que refutam credos niilistas
que se enrijecem em pecados capitais.

“Por que não acumulaste uma fortuna?”
Pelo gozo de ganhar-me a cada dia.
“Por que não fecundaste tuas mulheres?”
Por amar sem que haja condições.

Como tantos, amei e fui enganado;
conheci a paixão, a frieza e a luxúria;
fiel à Tua verdade, evidenciei fraquezas,
preferindo a humilhação ao pecado.

Por amor tudo dei, até minha profissão;
sofri seu abandono, mas em Ti confiei.
Hoje prego: se um amor te trai,
não sofras demais: outro melhor virá.

Hoje aquelas tentações são história;
para os que agem bem, um vão sonho,
e Tua graça, uma mansão de amplos terraços
de onde vemos naufragar os intrigantes.



Ao ler-Te, forjaste esta areia na verdade

Aos dez anos, dedilhando uma guitarra,
ganhei a maior loteria da minha vida,
cujo prêmio foi o Novo Testamento,
a Bíblia de Jerusalém.

E desde minha infância, Tu, crucificado,
nesse abraço que lança ao fogo
todo o desprezo do mundo,
perdão dos pecados mais secretos.

Ou castigo para aqueles que pregam
que este mundo foi entregue ao mal.
Revelo-o: Tua cruz é condenação ou purgação
segundo as brasas de cada coração.

Foi no ano da morte de minha irmã
que ali li: ao morrer, teu Reino aguarda;
suas carícias habitam em mim tanto quanto
Tuas parábolas, Teu Sermão da Montanha.

Ao ler-Te, forjaste esta areia na verdade,
revelando-me as intenções dos homens
desde as verdes lajes da Escócia
até as colinas ardentes de Nevada.

Menino sonhava em venerar-Te em cada missa.
"Não conheces o mundo", disseram-me,
e esgotei um a um seus tesouros,
desmascarando sua banalidade.

Nos antiquíssimos reinos da Ásia
fizeste de mim palavra-testemunho
da invencibilidade do amor e da verdade
sobre filosofias egoístas e presunçosas.

Ajudei demônios de bom coração
e prelados de intenções perversas,
e, como docente, Tu me preservas,
corrigindo seus erros como Mestre.

Sou aquele a quem entregas o mundo

Desde criança presumi que por Ti morreria;
dizia a verdade sem sequer perceber,
e era generoso com aqueles que encontrava,
mesmo quando abusavam da minha compaixão.

Como naquele jantar em que disse à minha tia
que aqueles que tinham dormido em nossa casa
tinham levado o meu presente de Natal;
não sabia que estavam entre os convidados.

Assumi o arquétipo do apóstolo mártir,
provocando o desprezo dos astutos,
até que me concedeste as Tuas bênçãos
e vi cair ou partir aqueles que me insultavam.

Sem ambição sou aquele a quem entregas o mundo,
o estudante que nos corredores de Babel
discorria sobre Schopenhauer, Aristóteles e Kant,
ator que em Bogotá fez do orbe o seu palco.

Teu embaixador enviado ao vale do Delaware
para padecer o seu racismo e as suas intrigas,
deixando que me cortassem as asas uma a uma,
como Tu perdoaste aos amigos traidores.

Aquele que retratou os egoísmos de Manhattan
e refutou visionários de outros credos,
que sofreu a convulsão latino-americana
e corrigiu os teólogos ingleses.

Aquele que participou da tragédia que é a Colômbia
e representou as suas fronteiras na Índia;
que uniu a semiologia ao cinema,
em quem até as pedras celebram o Teu regresso.

A quem conduzes por abadias e nações
com filmes de crianças e pescadores,
vivências que cada língua lhe concedeu,
que hoje Te honra em sua vida eterna.

Que a nossa comunhão seja o seu ápice

Por fim minhas perguntas se esgotaram
e o meu Senhor falou comigo no silêncio.
"Há algo que quero que corrijas", disse-me.
"Assim será!", exclamei maravilhado.

"Corrige o desfecho do teu cinetexto,
que a nossa comunhão seja o seu ápice."
Compreendi que Ele se referia ao mesmo cinetexto
que me dera o meu posto em Portugal.

A história de Lucrecia de León, profetisa
que anunciou que seria Papisa e depois se retratou
ao ver que assassinariam Filipe de Espanha,
dama que recusou ser instrumentalizada.

Ali uma donzela é julgada e condenada,
mas — ó destino, voz de Deus! —
é redimida diante de Madrid pelo Criador,
tão amoroso com quem corrige os seus passos.

O meu coração aceitou sem lamento
a perda de longas horas de estudo,
traduzindo Séneca do latim,
"Octavia", nos jardins do Escorial.

O meu desfecho traçava um paralelo
entre mulheres virtuosas de Roma e de Castela:
Octavia sucumbe à crueldade do poder,
Lucrecia refuta-a com o seu arrependimento.

O mandato de Cristo dissipou as trevas
com que o mundo despreza a morte:
trágica para os justos do mundo antigo,
torna-se, no sacrifício de Cristo, coroa e glória.

Assim caiu o véu das antigas doutrinas:
Lucrecia, imagem também da minha eternidade;
ambos manifestações de Cristo ressuscitado
em nós que O preferimos ao mundo.

Naquela mesma tarde trabalhei inspirado
pelo Officium Defunctorum de Victoria,
que eu ouvira antes desta epifania,
canto coral que toda a Castela celebrará.

Mas aqueles que fazem de seu coração o teu

O caminho resplandecia como um espelho,
rastro dourado em que homens e mulheres
esperavam as promessas de tua salvação,
outrora firmes, hoje desmoronadas.

Quando criança fui desprezado por ler,
desdenhando troféus esportivos;
assistia aos mais desprezados,
evitando prêmios acadêmicos.

Por fim alguns mestres me exaltaram
por imitar-te além da aula,
por esse dom que tantos desprezam:
reconhecer Deus em cada criatura.

“De que serve ao homem ganhar o mundo”,
ensinaste-nos, “se com ele perde a sua alma?”
E como José escolhi a ti, verdade suprema,
a quem agradeço o milagre de mais um dia.

Mas aqueles que fazem de seu coração o teu
são a carne de teu novo advento,
desde os templos pardos de Barichara
até os arcos flutuantes de Córdoba.

“Falarás com minha voz e serás ouvido,
e escreverás a versão dos justos.
Os reis buscarão teus conselhos
e me representarás nos mistérios do orbe”.

As capelas lusas ainda são testemunhas,
escombros de um esforço imenso
para louvar-te, Salvador do Mundo, Messias,
que de seu Reino volta a restaurar seu trono.

E em nossa comunhão, casa dos dois

Pois a vida é um frágil tabuleiro
de regras que poucos respeitam,
areia que subestima o amor
onde germina a erva da dor.

Vives como conhecimento dos homens,
de seus fracassos e reivindicações;
nos segredos que as reflexões tecem,
alquimia do perdão que proclama justiça.

Oásis e tranquilidade dos caídos,
que dá discretamente o necessário;
Rei que endireita os reveses de minha vida
e com suaves percalços me corrige.

Tu que reinas nos elevados alcáceres
de uma imaginação brunida em ofensas,
realidade não menos real que o real,
o Criador que tudo sofreu.

Mesmo o desespero dos pobres de espírito
que só recebem vinagre do mundo,
adormecendo suas vidas em delírios;
por palácios e arrabaldes vagam.

E em nossa comunhão, casa dos dois,
fazemos o Grande Cânion do espírito:
um espaço que nenhuma filosofia concede,
de quem preserva em seu sentimento o Teu.

Não se secaram conflagrações e lágrimas?

"Por minha causa te perseguirão até a morte,
pois embora eu esteja sempre ao teu lado,
os burocratas negam os caminhos
d'Aquele que tudo pode e tudo cria.

Mas sempre serás ouvido:
todos os argumentos do sarcasmo
refutarás, pois és vate mediador
entre Deus e os homens, seu profeta.

"Ainda que me destruas, crerei em Ti",
respondi a Jeová, imitando Jó.
E lhes direi: "Por que vos irrita a minha fé?
Por zelo de Deus ou pelo engano e sua conjura?

Aceitais aquele que relega o justo às igrejas
e não quem proclama Cristo?
Se murmurais que são delírios de poeta,
por que negais a sua beleza palpitante?

Desprezais a arte quando é verdadeira?
É minha palavra que derrota o mal,
viva naquele que equilibra os céus e a terra,
chicote dos violentos que vos governam.

E vede: não diminuíram temor e tremor?
Não se secaram conflagrações e lágrimas?
Não foram curados os enfermos, ou ainda esperais
que ele ressuscite mais uma vez os vossos mortos?”

Ordem Imortal de Melquisedeque

Por Teus preceitos arrisquei tudo,
e entre os bardos probos desta era
sou um lírio que brota entre as rochas,
porta-estandarte das Tuas bênçãos.

Fizeste deste retiro Tua união
entre nosso coração e o Teu,
e de nossas angústias nasceram
flores e frutos que hoje são livros.

No ateísmo reconhecemos um novo credo:
já não a negação da Tua presença,
mas o limiar onde Tua substância
inunda as formas caprichosas dos credos.

Não sou quem mais Te venera, ó Cristo,
mas ao escrever por Ti dialogo em alegria;
Teu amor, simplicidade que deslumbra,
rompe a sombra que as filosofias guardam.

Tua cruz destruiu a crueldade de Roma;
Tua Igreja comoveu rainhas e leões;
Teus ensinamentos, coluna da história,
vivem hoje nos Direitos do Homem.

Assim anunciou a voz de João:
um reino sem fronteiras nem domínio,
onde nenhum irmão se orgulhe
de raça, posse ou herança.

Um reino sem igrejas que condenem,
sem leis que dividam os corações,
onde as almas juntas se sustentem
sob um único Amor para as nações.

Pois em Babel a fé vivia sua aurora:
uma só oração subia aos céus,
até que a ambição do homem antigo
quebrou a família em mil nações.

Hoje as pedras anunciam Teu retorno
e as línguas dispersas se reúnem;
Tu me chamas a formar os poetas
na Ordem Imortal de Melquisedeque.

Arcádia renascida das ruínas,
liceu sem fronteiras nem doutrinas
que escravizem o estudante à mentira:
saber onde o ser humano floresça.

Além dos limites enganosos da morte
que prendem o ser ao niilismo,
não negarão a vida, mas a cultivarão
por seu próprio porvir reencarnado.

Arcádia, universidade da aurora,
matriz da fraternidade eterna,
onde mente e alma sem limites
alcançam a serena dignidade de Deus.

Ali representei Aristóteles e Kant
medindo a sombra do conceito;
ali Schopenhauer, com Deus universal,
descobria a Vontade da Verdade.

E Marx assentia junto ao místico
que toda matéria é forma do espírito,
enquanto o Verbo, matriz silogística,
restaura o que o homem não controla.

Joana d'Arc eleva sua voz ardente,
e Quevedo, com engenho penetrante,
proclama que a fé é a certeza
de que a vida não será amanhã aniquilada.

Ali darei o dom do discernimento:
ler a alma viva dos homens;
descobrirão as sombras do corrupto
quando urde em segredo suas argúcias.

Verão em cada gesto seu destino
como quem lê um livro transparente;
pois já nos deste o Livro da Areia
sobre as ondas turquesa de Istambul.

Não para dominar nem para ferir,
mas para iluminar entendimentos
e devolver à mulher seu juízo
entre justiça e falsos juramentos.

Pois só as obras de bondade,
gestos humildes que o mundo despreza,
preservam Teu rebanho entre massacres
e tornam feras em mansos filhotes.

Minha voz jamais foi solitária
nesta era de ferro e confusão:
forja-se como espada em rubro fogo
com anjos e santos que me assistem.

Recebe como oferenda minhas vigílias,
este árduo estudo que Te entrego,
como o perfume da mulher pecadora
que a Teus pés derramou tudo quanto tinha.

Se minha solidão fosse apenas Tua
e eu caminhasse pelo mundo inadvertido,
não o lamentaria: ó Deus! ser apartado
de frívolos aplausos não me importa.

Revelaste-me que estes cantos
são deleite de almas imortais
que celebram meu papel como Teu apóstolo
neste teatro de todas as vidas.

Profanando a lógica mais célebre

Tu me exaltaste diante das nações,
profanando a lógica mais célebre.
Em Temple perdi uma bolsa e Tu me deste duas:
atuei, dirigi e produzi Hamlet Unbound.

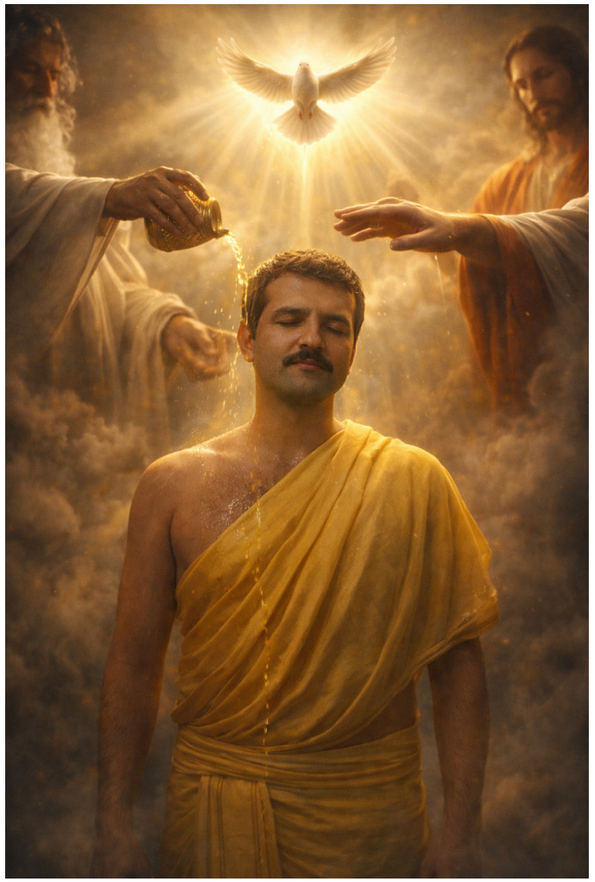
Em Portugal, um documentário; na Bretanha
uma peça de Shakespeare; em Chennai
um filme; e na televisão da Colômbia
nosso presidente agradeceu meus versos.

Pois não aprendi de Teus servidores
a fortuna, mas a fé que nada espera.
Concedeste-me apaziguar o clima
e curar a estirpe dos dez leprosos.

Quando Te disse que escreveria
nosso encontro em um romance,
respondeste que seria num livro de poesia,
obra que forjei com denodo.

Alguém me perguntou se eu sofria
por causa do meu ostracismo pela esquerda,
ideologia que, como Mefistófeles,
oferece riquezas em troca de almas.

Respondi que vivia feliz na certeza
de que, sem congregação nem riquezas,
nada jamais me faltaria: o céu,
as cidades e tudo o que Tu me entregas



A realidade é apenas uma crosta

—Digues, amic —dix l'Amat—, si yo doblava tes
dolors, hauries paciència?
—Sí —dix ell—, si vos doblats mon amar.

Ramón Llull

Só quem reconhece suas faltas é cristão,
escrevia Kierkegaard lá na Dinamarca:
angústia que em seu tempo foi a própria vida,
hoje, em teus crentes, Cristo, é desídia.

Por que temes a dor e a injustiça
se vives ao abrigo do amor supremo?
Quanto mais tribulações te alcancem,
maiores serão também as tuas glórias,

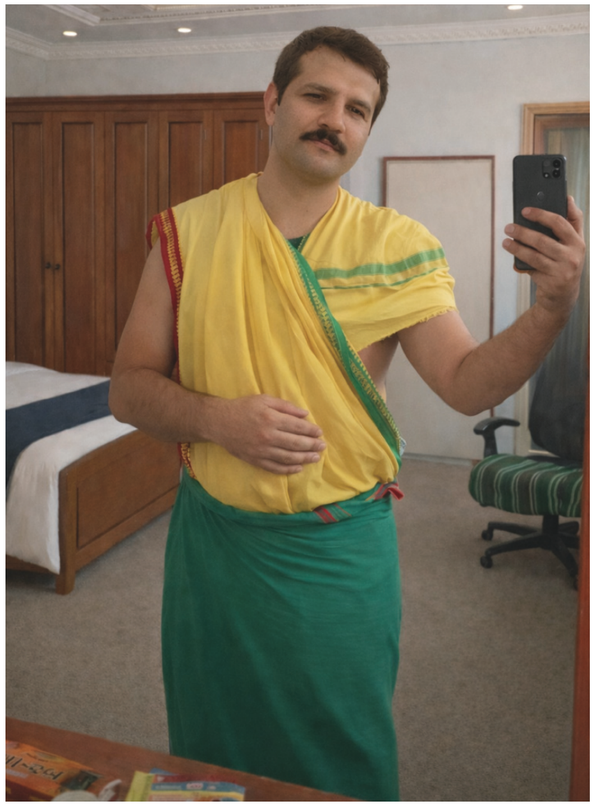
o sábio sabe que toda tempestade cessa,
que toda aflição é uma prova
em que, sem o saber, apresentamos
nossa candidatura a sermos divinos.

"Dize-me, amigo — meu Amado perguntou —, terás paciência
se eu dobrar as tuas dores?"
"Sim — respondi —, se redobrares o teu amor por mim,
pois em teus sacrifícios me forjaste."

Nunca deixes de desejar um mundo justo:
a realidade é apenas uma crosta
que nos deixam aqueles que já sonharam.
Ao morrer, apenas tuas intenções ficam.

Ainda que te digam que nada muda,
o teu agir diante de quem encontras cada dia
é tua própria construção do cosmos;
por ela responderás perante os mortos.

Diante do Ser que prescreve os destinos
cresce o vigor do teu nobre pensamento:
aquele que, em união com todas as criaturas,
é nostalgia do bem que tanto anelas.



A bigorna do Senhor é a luz da verdade

De ti e de Tamerlão, a prudência:
resistir às ofensas até que na tua fúria corriges;
e aqueles que ouvi levantar falso testemunho
vi cair enfermos de arrogância.

“A bigorna do Senhor é a luz da verdade”,
raio que expõe os riscos do poder
e denuncia as falácias do saber espúrio
dos que, insultando Deus, querem ser Deus.

Leste e pregaste diante de congregações
que Deus era a verdade, que a verdade era Deus,
e ainda assim a ocultaste para não ferir o mercenário
que, pela pobreza posto à prova, avaliza o matar.

Pois antes do saber descobre-se a intenção:
quem entrega ou acumula os dons concedidos,
quem faz do mestre juiz do espírito
ou quem acoberta excessos juvenis do Mestre.

“A bigorna do Senhor é a luz da verdade”:
nada se oculta ao fogo do seu golpe,
nem o cálculo do forte nem a máscara do sábio
quando pretendem erguer-se acima de Deus.

“Há quem não mereça viver”, dizia-me
um príncipe ao condenar um desvalido,
o mesmo de quem seus gurus falaram com desprezo
e que, ao desafiar-me, decaiu e marchou ao Hades.

Pois aqueles que desejam mal ao justo
ferem o Criador que protege suas criaturas
e perdem o que mais prezam:
sua vida, ou a daqueles que mais amam.

Também o vizinho que jurou golpear-me
e caiu por uma infeção insanável;
ou quem fechou os meus palcos:
seu rancor foi câncer que o consumiu.

Ou o editor que conspirou contra mim
e perdeu sua amada por sua própria causa:
pois o ferro dos homens é cristal
para quem escreve a trama do mundo.

A clepsidra do Juízo Final é a Verdade

"A verdade é beleza, e a beleza verdade": isto é tudo
o que conheceis na terra e tudo o que precisais saber.

Keats

Viajava com Isaac na sua motocicleta,
e a chuva caiu; recorri às tuas bênçãos,
e entre um vendaval à direita e à esquerda
avançámos sem nos molhar por três horas.

"E disporás do universo", dizia-me,
"para que executes todos os meus desígnios".
A justiça que o teu desejo enraizado antecipa
desde a própria carícia que te concebeu.

Antes de partir eu venerava o Verbo:
que sou o nada quando sou eu mesmo,
o observador comum a todos os homens,
a Vontade última daqueles que existem.

"Não é demasiado para um homem?"
"Pois já entrevistes o Nosso seio amado
ao cair inocente de um veículo
e, compadecido de teus irmãos, regressaste.

Pois ao veres tantas mulheres sofrer
pelos pecados de teus filhos, de teus irmãos, compadeceste-te
e renunciaste ao Paraíso para redimi-los:
templo que aceitou encarnar Deus.

Pois a tua verdade é a beleza da tua era
e a tua representação, vida na Verdade,
a que eu já anunciara como Ser; mas sacerdotes
assumistes a cruel hipocrisia, apostatando da minha Igreja.

Já no meu Templo eu dizia: a Verdade
importa mais do que os vossos louvores.
Mas preferistes a cruel hipocrisia,
presumindo que quem mente prevalece.

Vai e demonstra a raiz do meu Evangelho:
que saibam que a transparência é liberdade;
a terra protege-a com a fúria da sua lava
e diante dela as nuvens se submetem.

As tuas vivências regressam hoje triunfantes,
se outrora angustiantes, hoje reivindicadas.
Pois a clepsidra do Juízo Final é a Verdade
que recobra de cada qual para o passado.

O resto: espera e sobrevivência
entre aqueles com quem também sofremos.
Desfazendo o confim do vivido,
ensinamos o teu preceito irrefutável.

Exporás aqueles que quiseram ferir-te

No meio das tuas tribulações,
aquelas que concedo a cada homem em cada vida,
preservas essa alegria de criança que a Mim retorna
sem reparar nas invejas que suscitas.

E afinal, que recordarás das suas dores?
Uma série de ingênuas tentativas de destruir-te;
a ti, que intercedias com amor apesar das suas intrigas,
a ti, cuja sabedoria ou inspiração era a Minha.

Quantas vezes coloquei rivais aos teus pés
para que os repreendesses por suas faltas;
mas tu, compadecido de cada condenado,
os assistias com o amor que sempre te negaram.

E fazias isso porque a Minha vida te inspirava:
se Eu com o centurião, tu com os violentos;
se Eu com o jovem rico, tu com condiscípulos
que te esqueceram para guardar riquezas.

Como casas de madeira que um furacão arrasta,
exporás aqueles que quiseram ferir-te,
pelo teu conhecimento sobre vivos e mortos,
pela certeza da Minha ressurreição.

Indicarás as intenções dos homens
e abrirás o selo púrpura que os protege,
e com o Meu manto de prata converterás demônios,
celebrando o amor que as esferas Me professam.

Curarás quem deva corrigir suas ofensas
e terminarás a dor daqueles que já alcançam o Éden,
entregando um doce fim aos enfermos,
contigo o apego ao espejismo da vida termina.

Ninguém ferirá sequer a tua sombra
na ascendência do Espírito Santo;
estarei sempre contigo, pois com a tua vida
cantas com todos os anjos a Minha glória.

Diante do Sinédrio

Na minha verdade vos mostrei a minha vida,
e vós a examinastes, desejando
encontrar um crime, uma condenação, um segredo;
e vos horroriza descobrir que nada está oculto.

O Sinédrio me perseguiu, e Deus
me permitiu escutá-los; eu os refuto,
em particular o meu maior perseguidor:
o abade do mosteiro de São Bento.

Aquele que primeiro comenta meus escritos;
aquele que, de um corredor entre cem monges,
me observou a dez metros e, quando me virei,
surpreendido em seu ódio, fugiu.

Não foste tu que tramaste aquele vão mexerico:
"Não teve ele a decência de cortar o cabelo
antes de chegar ontem à abadia?"
No dia seguinte fui cortar o meu cabelo.

Há três dias disse ao Papa de meus versos:
"Suas visões foram causadas por alucinógenos",
e citou um capítulo de Eu, Petrus Romanus.
"Já se viu tamanha ousadia", comentou.

O Senhor lhe responde nestas linhas:
"Não foi por vossa perseguição
contra aqueles a quem mais deveríeis servir
que formulais calúnias infundadas?

Não desprezais o dependente
por quem bebi vinagre na cruz,
e adulais o homem rico e poderoso
que toma calmantes por capricho?

Ambos sofrem o peso do mundo,
mas vós abraçais apenas quem vos paga.
Quando eu o cobrir de riquezas,
aceitareis então a ele e ao seu rebanho?

Pois sua vida foi uma longa travessia
pelos círculos infernais do mundo:
um repórter que canta a bondade
que brota entre espinhos e desertos.

E se ele ofendeu vossa moral
burguesa, já privada do poder
de torturar quem o faça,
foi para revelar vossos pecados.

Não apedrejais ainda a mulher adúltera?
Não lançais dardos romanos contra Estêvão,
meu primeiro apóstolo e mártir?
Não banqueteais fartamente com os violentos?

Ao contrário de vós, Noël, como Spinoza,
abandonou os círculos dos sentidos
para elevar seu ser na Verdade
e no Amor que é seu bem amado.

Não vos peço que vos ajoelheis: ouvi-o,
pois ele conduz melhor que vós
as almas unidas dos justos,
que tanto desejam que eu corrija o mundo.

Belo Senhor que faz murchar as doenças

Belo Senhor que faz murchar as doenças,
Teu sangue seca a raiz dos males;
eu Te louvo por Teus sinais e clemências,
que poucos veem nos dias que Tu proteges.

Pelo solene e claro amanhecer,
e pela insondável beleza do mar;
por esse céu que é o Teu rosto,
infinita atalaia do destino.

Pelos batimentos diários da vida
que sustentam o meu ser constante;
e pela sombra suave e prometida
das oliveiras recuperadas do Éden.

Ali onde o poder Te condenou
assistido por aqueles que mais amavas;
ali o brilho do Teu amor destruiu
a lógica do ódio e da vingança.

Assim, embora cineastas maniqueus insistam
em inculcar-nos o prazer do ódio,
Tua cruz devolve à alma sua inocência,
Tua vitória iminente e redenção.

Tu indicas que Tua paciência já venceu:
foram dois mil anos de advertências
de mensageiros que se imolaram
para se tornarem presas de seu desprezo.

Agora a parábola dos dons
se expande em todo o seu saber;
quem tiver arriscado sua vida
dez vezes receberá dez vidas,

e aqueles que, temendo perdê-la,
a esconderam em mesquinharias,
vingando-se do provocador
sem sequer amar o justo,

perdê-la-ão diante dos anjos;
seus egos serão apenas memória
de titãs que desafiaram Deus
e foram encerrados nas trevas.

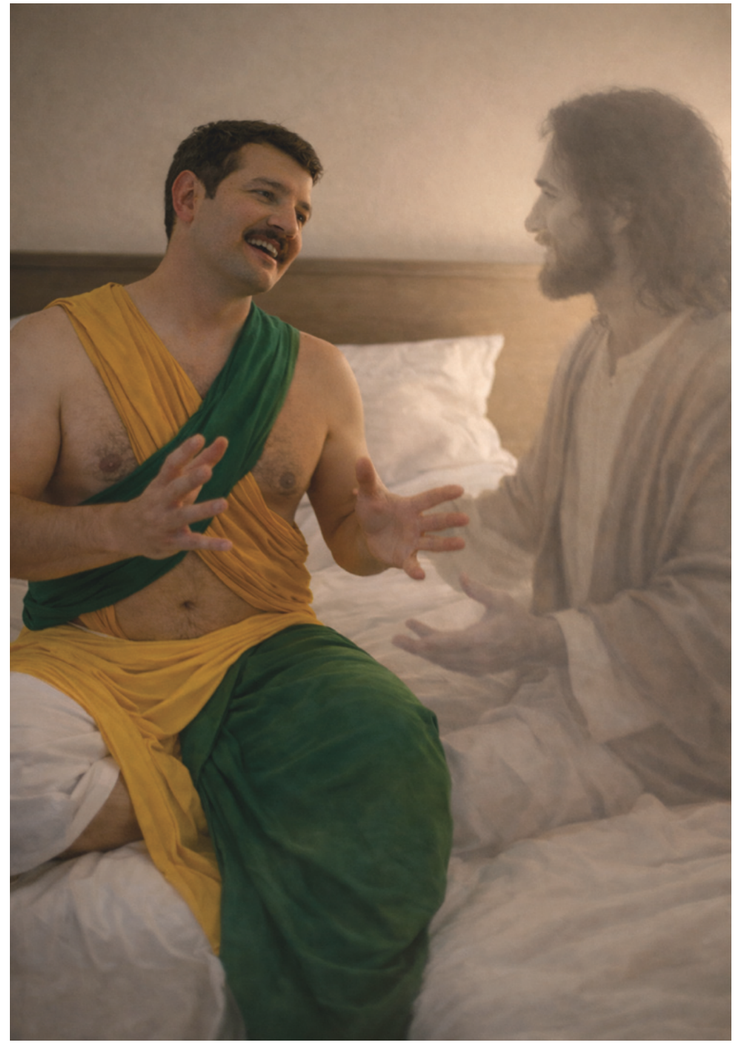
Suas intrigas deixarão de ser acreditadas,
seus perversos desfalques, suas mentiras,
chamando capangas de gestores da paz,
ameaçando inocentes por amor.

Deixa que seus demônios os consumam
violando seus pactos e conjurações,
e que Teus anjos levantem suas espadas
lançando-os nas chamas do Seol.

Ou envia-os às águas do Estige
para reiniciar a cadeia do Ser.
Belo Senhor, Tu que secas doenças
e acalmas os estertores da terra;

abençoa as nobres consciências,
Tu que afastas a tempestade.
Armadura da alma que domou
em São Francisco o irmão lobo.

E graças pelos bebês, reis do mundo,
esperança que jamais termina;
são eles mestres de seus pais,
aurora do Teu amor que inclina o mundo.



Também Deus *precisa* de mim

Todos somos chamados a ser mães de Deus,
pois Deus sempre precisa nascer.

Meister Eckhart

Não só eu preciso de Deus,
também Deus precisa de mim;
peregrino de uma linhagem angustiada
que por todos em Cristo intercede.

Quando a fé era ceifada pela dúvida
vi Teu amor e a luz da sabedoria;
e sem temor do mundo proclamei:
Rei eterno em Tua santa monarquia.

Rei contigo fui por meia hora,
até ver o Espírito e o Pai postos em dúvida;
então me chamaste para ser testemunha
diante daqueles que davam Deus por vencido.

Tantas eram as almas do purgatório
que, temendo por sua descendência,
imploravam que Ele atendesse ao rico
que desprezava o pobre Lázaro,

arquétipo de toda a fome do mundo,
e enviasse um homem desde o além
para dar testemunho da vida eterna
pelas chamas do seu arrependimento.

E Deus, tomado de compaixão, perguntou-me
se eu desejaria voltar da minha felicidade
para recuperar as almas do mundo;
e eu, também comovido, aceitei exaltado.

Confesso que sofri o meu retorno
à incerteza que é a minha vida:
a solidão, a impotência e a ansiedade
do pecado original foram minhas.

Pois os profetas não somos meros mensageiros
de ira breve e perdão constante,
mas templos onde Deus habita
para mediar entre céu e terra.

Cristo ama tanto Suas criaturas
que nasce, vive e sofre nos profetas
que desprezam honras e riquezas;
não nos favorece mais, mas sempre nos protege.

"Todos somos chamados", diz Eckhart,
"a ser mães de Deus em nossas vidas";
vasos onde, quando o Amor declina,
o Verbo de Cristo desce triunfante.

Vivemos um projeto inacabado,
obra em construção há muito adiada
que Deus decide reiniciar comigo
após séculos de letargia da fé.

E eu vos mostro a fé de quem ensina
a certeza do eterno ao mais agnóstico;
fogo que Kierkegaard cantou em Abraão:
crente que tudo sofre sem sofrer.

Vereis isso em nossa serenidade
diante dos cinco bebês concebidos
que Deus tomou do ventre de Leyla;
testemunho de nossa alegria em Cristo.

Assim ela e eu nos tornamos uma só carne,
fé onde nossas almas desembocam,
devastando aqueles que já em Jó pregavam
que somente com descendência Deus abençoa.

Também o Mahabharata celebra Ganga,
que afogou sete filhos em um rio;
bebês que antes de nascer imploraram
livrar-se da vacilação do mundo.

Dar amor sem receber nada em troca

Na liberdade que Tu nos deste,
para que também nos tornássemos Teus,
meus braços se apertaram aos Teus ramos
para não ser a única testemunha desta saga.

Sem arautos vieram as nações
tecer os seus destinos com o meu;
e nelas proclamo os Teus sagrados desígnios,
os da aliança nupcial em que me ungiste.

Até aos confins do mundo me conduziste,
para ver o sol arder ao Teu comando;
e as águas do caminho que percorremos
abriram-se como outrora no Mar Vermelho.

Os salgueiros de Monreal choraram
a minha partida embalados pelo Teu sopro;
e quando fui aprisionado tremeu Gaia,
mãe reverente que vigia o Teu eleito.

Assim toda a Tua criação me fala,
desde as secas que cessam às minhas preces
até às chamas que poupam as cidades;
sobre as Tuas criaturas mais abandonadas eu velo.

O cervo não medita vingança,
e o tigre não caça além da sua necessidade;
a linhagem do Teu amor ensina
que Tu dás cada dia aos vivos o que necessitam.

Enviaste-me mestres querubins:
os animais que vivem cada dia junto de nós;
e sobre eles velamos dia após dia,
estes seres frágeis que não dependem de nenhum outro.

Assim também os pais amorosos sustentam
os seus filhos curvados sob o sofrimento,
sem esperar nenhuma recompensa
senão o amor que dão ao cuidá-los.

Nem eu tenho sido a única testemunha desta saga;
comigo marcham multidões que Te amaram,
ainda hoje desde os túmulos mais antigos.

Pelas bênçãos recebidas eu ouço
bebés chamando-me em círculo,
anunciando que por telepatia
corrigem os seus pais e intercedem.

E os santos indignam-se no céu;
ontem São Bento pediu o meu perdão
pelo monge que me perseguia,
tendo ele mesmo intercedido com as suas preces.

Dando amor sem receber nada em troca,
Tu plantaste flores que florescem sem fim
do meu coração para todos os que encontro,
tributo a um mundo que repele a Tua ternura.

No papel de vítima da injustiça

Nossos vampiros e nossas fadas, como insetos;
parentes, amigos, seres queridos
acompanham nossos dias cansados
como anjos ou demônios da vida.

Por eles somos feridos ou amamos
com todas as espadas do espírito;
em seu reflexo lutamos ou tememos,
espelho frágil de um destino forjado.

Ambição, vaidade, traição, engano,
atalhos para uma glória vazia
que o agnóstico celebra em seus cálculos:
peixe que morde o anzol todos os dias.

Pois toda matéria é apenas ar leve,
este sentir e pensar: eternidade.
Antes de abençoar o teu próprio ganho,
ama o teu inimigo — não o evites.

Ama também o teu amigo sem temer
a inveja que às vezes o acompanha;
a paciência vence toda afronta.
"Até quando?", perguntamos em Montmartre.

"Até um dia depois da nossa morte,
quando o universo, em seu vasto amor,
resplandecer diante do Criador supremo."

Filhos de Deus chamados a tornar-nos deuses,
ganhamos asas pelo desapego.
Não olhes para falsas celebridades
que com sorrisos fingem felicidade;

nada somos aqui nestas cidades,
mas tudo na eternidade que Tu moldas.

Eu, ator que improvisa esta vigília
no papel de vítima da injustiça,
recebi o Teu consolo e o Teu abraço
e um olhar suave que pressente as intenções

de adversários que, em sua loucura, consomem
— por trás de sorrisos frívolos de alegria —
os remédios que os psiquiatras prescrevem,
aprofundando sua evidente solidão.

De casas perturbadas até à velhice
vivem escravos de prazeres já gastos,
desgastados em competições vazias,
vingando ofensas que hoje são pó.

Mas na minha perseverança constante
vi a luz eterna da Tua glória,
as núpcias da fé e da razão cumprirem-se
por intercessão de mamãe Maria,
gema que Tu honras em amor e justiça,
voz que guia o coração errante.

Foi no Seu templo, nas margens de Montréal,
que uma velha me pediu cura.
A sua amiga aliviou uma dor de décadas
e fugimos de necromantes invejosos.
Convidei-a ao Cirque du Soleil e ela disse:
"Devolves-me a minha juventude".
Vimos Próspero dominar a tempestade
e perdoar o irmão que o feriu,
aquele que planeou a sua morte e naufrágio:
A Tempestade, espelho do Teu amor.

Neste deserto faço da Tua fé a minha biografia

Atônito vivo diante do Teu imenso sacrifício,
e na minha solidão abandono o que fui,
e também aquilo que sonhei vir a ser,
aos Teus pés oferecendo o meu desejo ao Teu.

Como todo homem e toda mulher que nasce,
também sofro as ambições dos dias;
mas vivo melhor na Tua promessa eterna,
bálsamo que dissipa fúria e angústia.

A Tua palavra é um tesouro que todos veem
e que, no entanto, poucos desfrutam,
intimidados por banqueiros e cientistas
e por alcoviteiras que refuto nos meus livros.

Porque o destino é Teu, Rei da Verdade,
advogado daqueles que, orando, Te alcançam,
escudo dos corações livres de intriga
e das vidas que prosseguem para além da morte.

Nunca me preocupou a fama dos media,
nem se o mundo me honrava ou desprezava;
a Tua ressurreição é a paz dos Teus amados,
a Tua voz, a fonte de toda a literatura.

Li filósofos carentes de compaixão
e ouvi poetas que cantam o crime;
vi políticos prometerem utopias
e jornalistas insultarem a Tua criação.

Eduquei jovens que duvidavam de viver,
presos a crenças inculcadas,
oprimidos por não viverem na riqueza;
pelo seu destino sofri os seus açoites.

Como Eva, como Caim, como Judas e Napoleão,
também fui criado naquela falsa fé
de que éramos donos do nosso destino,
fonte oculta de todo o egoísmo e crime.

E vejo a elite do mundo vangloriar-se
de que o curso da história depende do seu dinheiro,
enquanto governam nações com usura;
pagam com doença e agonia a sua moeda.

Porque o clima mudei em Teu nome.
Neste deserto faço da Tua fé a minha biografia,
para além das religiões ancoradas no passado;
de São Pedro Claver aprendi a amar o escravo
e, como ele, muitos outros hei de libertar.

Prefiro ver que o mundo é apenas um brinquedo

Vitórias nasceram da Tua Palavra,
e pela minha primeira fé de criança
prefiro ver que o mundo é apenas um brinquedo:
um vasto planeta onde brincam as crianças,
enfrentando vilões, evitando armadilhas,
noites em claro e dores de amor.

Prefiro ver que o mundo é apenas um brinquedo
e nós como peças sobre um tabuleiro,
à mercê de jogadores mais hábeis,
versados em artimanhas e influências.
Mas Tu moves montanhas e acalmas os mares;
vi homens louvar-Te ao redor de fogueiras.

Prefiro ver que o mundo é apenas um brinquedo
de anjos que compreendem bem o jogo
e de homens que ignoram suas regras:
uns guiados por firme vontade,
outros movidos por enganos cegos.

Vi serpentes renderem-se ao Teu comando,
sobrevivi a quedas de carros,
acariciei elefantes e venci assassinos,
pois Tu abençoas quem se lembra de Ti.

Prefiro ver que o mundo é apenas um brinquedo
de crianças que aceitam o desafio
e que, no desejo de parecer adultas,
esquecem as primeiras instruções.

Os que temem a morte não nos intimidam;
vejo-os semear medo entre os homens,
gemendo e chorando diante do destino,
quando ela é caminho para o nada,
plácida e secreta porta do céu.

Prefiro dizer que somos o mesmo Ser
que se esqueceu de si para nascer em ti;
que anseia erroneamente por sua grandeza,
e cujo maior alívio é imitar Cristo.

O próprio sol pode morrer amanhã,
podemos perder um amigo querido,
os viajantes caírem pela doença;
e ainda assim — não tens este dia?

Olha para ti agora, seguro ou frágil,
semente viva de toda a tua alegria;
concede bênçãos sem temor
e pergunta sempre em tuas horas silenciosas:
com que frequência devo agradecer-Te?

Aqueles que Te deixam por este mundo,
num ambiente de cobiça e egoísmo,
desprezam a imaginação e o saber,
reduzindo o homem a uma mentira frívola.

Prefiro ver que o mundo é apenas um brinquedo,
pois segui a Tua Palavra na fé de criança;
e nessa intuição vivi a Tua vitória,
meus passos presos à Tua mão
até minha dissolução em Ti.

Prefiro ver que o mundo é apenas um brinquedo:
peças que jogam a mesma partida
cuja duração é tua vida ou a minha,
até que o Grande Jogador nos guarde
em sua caixa, à espera da próxima partida.

Tu, que caminhavas ao meu lado

Tu, que caminhavas ao meu lado, o coração em chamas,
entre visões, provações, amor e nomes sagrados,
em cada verso uma alma renascia:
o Juiz, o Amigo, Aquele que nos redimiu.

Lestes sobre pombas, sobre cidades em graça,
sobre as lágrimas de Maria e cada lugar sagrado;
vistes-me lutar contra as trevas, erguer-me para a luz,
beijar a cruz e falar com a força do Amor.

Eu não era nada de especial: apenas chamado a cantar,
a levar a Palavra, a ferida, a coroa, o anel.
Mas vós, ó leitores, espelhos do céu,
fostes escolhidos: não apenas testemunhas, mas caminho.

Pois catorze anos se passaram, e o que aqui está escrito
não é sonho vão, mas um diálogo constante.
O profeta não escreve para o passado nem para o futuro,
mas para aqueles que, lendo, caminham ao seu lado.

Nestes versos cada ser se reflete:
reconhece a tua essência, a tua verdade mais profunda.
Tu, que me acompanhaste por portos e cidades
—Frankfurt, Atlanta, Ottawa— foste companheiro e alento.

Se te ofendi, não temas que eu te acuse,
nem temas também ofender teus irmãos,
pois nossa intenção é o amor constante;
acusar a verdade resplandecente pertence às trevas.

Escrevi-os sacrificando o lucro do mundo;
difundi-os, se minha mensagem mover vossas almas.
O Reino desponta nestes cantos, caminho assinalado,
se em teu coração reconheceste Cristo.

Somos anjos de Deus, o próprio Criador;
se O amarmos intensamente, Sua luz brilhará em nós.
Neste tom não há mentira nem intriga,
nem complô para enriquecer ou ser venerado.

Somos irmãos do amor universal;
levai o Seu nome sobre aqueles que proclamam
que Deus não poderia ter esperado milhões de anos
para encarnar numa espécie tão imperfeita.

Aqui está a luz do amor que deu vida às pedras.
Feitos à imagem e por amor do Criador,
vivemos a vertigem de um sacrifício eterno,
não por milhões, mas por bilhões e por outras eras,
quando a humanidade habitar incontáveis planetas.

E se vos perguntarem: “Quem foi aquele Hugo Noël?”,
dizei: “Ele imitou Cristo, que o protegeu para que escrevesse
versos que corrigiram filosofias e crenças
que reduziam o ser humano a mera osamenta,
e reacendeu a chama que Cristo deixara
numa era que havia renunciado a Ele, a Deus e ao Reino dos
Céus”.

Chennai, Frankfurt, Atlanta, Ottawa, Montreal,
Pittsburgh, Querétaro, Bogotá, Bucaramanga, Barcelona,
Paris, Coveñas, Sincelejo, 2013–2026

Proof